



O Aniversário de Marx

José da Silveira Filho

Consulto o relógio. São 6 horas da tarde em Curitiba. O sol brilhou desde manhã cedo, fato de causar admiração nessa cidade. Final de dia de semana semelhante aos demais. O centro da cidade está em polvorosa. Pessoas indo e vindo, entrando e saindo de lojas, dirigindo-se aos logradouros públicos para tomar o ônibus de regresso a seus lares, cruzando ruas, carregando pacotes, segurando sacolas, puxando crianças pela mão,... Os semblantes estão contritos, os corpos cansados pelo esforço físico e mental, o pensamento envolto em preocupações intermináveis, que não cedem sequer raro e pálido sorriso. Os autos buzina como que se empurrando uns aos outros. Os faróis começam a acender. Os ônibus estacionam com enormes filas à espera. Há uma pressa coletiva esvoaçante no ar, certa aflição em buscar o refúgio de descanso. Ao observar àquela multidão, num burburinho de algaravias, a vida assemelha o mais autêntico caos urbano.

Quando se olha para essa imitação de formigueiro, todavia construído por seres humanos, pode até ocorrer curiosa pergunta ao observador atento desse cenário tão cosmopolita. A sociedade dos homens é um caos verdadeiro, inexplicável, sem qualquer orientação ou existe algum fio condutor das ações dessas gentes em correria, capaz de imprimir sentido às suas existências agitadas?

Agora sim, responder a esta questão, motivo desse escrito, este ser ou não ser uma coisa ou outra adentra ao tema do aniversário de Marx, acontecido mês passado.

Na visão desse cidadão ilustre, nascido em 5 de maio de 1818 na cidade de Trier, Sul da Alemanha, a sociedade humana exibe apenas uma aparência de caos. É como se fosse sua feição usual de ser, a forma de manifestação do cotidiano. Que todos acabam por se inserir. Bem ou mal sucedidos. Em verdade, há uma lógica social, soerguida e aceita historicamente pelos homens que nela subsistem, a impor um movimento de ascensão, transformação e evolução da sociedade ao longo do tempo.

Mas, que lógica social é essa que este arguto filósofo enxergava melhor do que nenhum outro?

Em primeiro lugar, ele afirmou que o homem antes de filosofar precisava conquistar sua existência com sacrifício, o que não se faz sozinho, mas na companhia de milhares de outros. Trocando em miúdos, significa que a economia é a base da sociedade, impondo a forma de existir e inclusive de pensar, sem que as pessoas o percebam. A economia é capitalista. Os seres humanos nascem num contexto já pronto e também transformável. Portanto, assimilam-se com espontaneidade as ideias do sistema desde o ventre da mãe, embora isto seja visto como se tivesse sido cultivado a partir de si próprio. Que ilusão. Este pensar com um agir consequente, é herdado do mundo econômico em que se vive e convive. Por estudo mais aprofundado e experiência pessoal, alguns seres humanos adotam posições políticas revolucionárias, contrárias à permanência do

capitalismo que originalmente os abrigou. É o caso da vida de Karl Marx, seu fiel amigo Friedrich Engels e tantos outros que os sucederam.

Essa economia devia ter um alicerce no qual repousava e fazia com que se expandisse. Marx foi encontrá-lo em algo bem simples. Era o trabalho social. Tudo o que precisamos para viver é comprado e vendido. São as mercadorias expostas nas lojas. Elas requerem trabalho, mensurável em quantidade de horas e portador de determinada complexidade, todavia executado por milhares de trabalhadores dividindo múltiplas tarefas cooperativas.

Marx conduz mais adiante este raciocínio. Este trabalho é viabilizado por máquinas avançadas, capazes de produzir milhares de mercadorias. Vamos supor que sejam produzidas 1.000.000 mercadorias ao preço de \$1 dinheiro cada uma. Contudo com a venda de \$400.000 delas, já se pagam todos os trabalhadores que concorreram para produzi-las. Sobraram, portanto, \$600.000 unidades. Estas \$600.000 unidades correspondem à mais valia. Contudo, o que chama a atenção é que em virtude do maquinário moderno bastam apenas 4 horas de trabalho social por dia de trabalho para os trabalhadores produzirem os \$400.000 em mercadorias que, vendidas já pagam o salário deles. Mas, eles trabalham mais 8 horas. Estas 8 horas adicionais é que compõem o trabalho excedente e gratuito que será a base do lucro. O total da jornada de trabalho são 12 horas, sacramentado em contrato que, por força de lei, deve ser cumprido. 4 horas de trabalho necessário para compor o salário e 8 horas de trabalho excedente gratuito a fim de compor a substância do lucro. Esta situação é possível somente por causa do advento de máquinas possantes e velozes, surgidas a partir da Revolução Industrial. Quando o homem trabalhava apenas com ferramentas manuais era impossível ele produzir mais do que valia. Ele tinha de trabalhar para ele mesmo, reproduzir seu próprio valor enquanto salário para sobreviver. Era dono de suas ferramentas e de seu trabalho artesanal. Com o advento das máquinas, os trabalhadores tiveram de trabalhar para o proprietário delas, o capitalista. Todavia, produziam um valor em mercadorias (\$800.000) muito maior do que valiam (\$400.000).

Este é o raciocínio basilar, exposto de forma bem simplificada e abreviada, sem os detalhes e riquezas de conteúdo e linguagem do referido autor. Com essa explicação, Marx conseguiu atingir a compreensão do âmago da economia capitalista, como se move, como se expande, como entra e sai de crises em ciclos econômicos de prosperidade e penúria. Daí também decorrem outros raciocínios que levam a outras contribuições teóricas. Porém, o objetivo deste sucinto arrazoado é procurar mostrar, com alguma consistência, se o mundo em que se subsiste é completamente caótico ou possui determinada lógica apreensível por seus observadores que vai conduzi-lo e propulsioná-lo. Então toda aquela multitude de gente, cruzando-se, em sobe e desce, daqui e de lá, esbaforidos, em verdade nem sequer desconfia haver uma orientação prévia no movimento da sociedade. É a busca do lucro na produção de mercadorias e serviços, que direciona as empresas, sua existência, sua duração no mercado, a capacidade de cobrar impostos da parte do Estado, a possibilidade de previdência social, o pagamento de salários. E o ninho desse acontecimento são as diversas ditas empresas, espalhadas pela cidade.

O lucro é o móvel do sistema capitalista que se estrutura e ganha vigor a partir desse conceito. E, ainda por cima, Marx chega à conclusão tenebrosa. De que esse lucro, entre altas e baixas, manifesta tendência secular a cair e este declínio gradual e inescapável coloca a economia capitalista em decadência. E, apesar da decadência, ela prossegue sobrevivendo e se reproduzindo capengas, repleta de mazelas sociais, do desemprego aberto à criminalidade sem fim, por não existir nenhuma outra opção para substituí-la. Aí, Marx intercala a necessidade de revolução e tomada do poder político como tarefa histórica da classe trabalhadora com o propósito de construir outra sociedade sob

o comando dos trabalhadores organizados e não mais da burguesia. Fazer um mundo em que todos trabalhem sem exceção e vivam dignamente de seu esforço e suas necessidades. Sem dúvida alguma, é persona non grata para a burguesia. Personagem a ser execrado e combatido.

Quanto ao caos narrado bem ao princípio é, em realidade, mera aparência, existindo de fato uma orientação lógica na colmeia de pessoas indo e voltando de suas mil e uma ocupações.

A revolução industrial trouxe o capitalismo propriamente dito. As possantes máquinas exigiram milhares de trabalhadores para operá-las e capitalistas para planejar e dirigir o processo de produção social e, entre esses dois, ensanduichados, agia uma camada intermediária, de capatazes, feitores, na contemporaneidade apelidados de gerentes, chefes, supervisores, portadores de novas técnicas sutis de comando, para levar os trabalhadores a cumprirem as ordens. Seria uma pequena burguesia. E, alto lá, o maquinário sozinho não vai fazer vingar o capitalismo, nem arrancar os trabalhadores dos campos e seus afazeres manuais. Os capitalistas necessitam usar de estratégias e também chicotes para que seu poder se exerça, inclusive no âmbito do Estado que passam a controlar direta ou indiretamente, até com a colaboração de figuras recrutadas entre os próprios trabalhadores.

Muitos outros aspectos poderiam ser escritos e destilados a respeito dos estudos deste genial cidadão, que influenciou até mesmo o nascimento de países socialistas enquanto uma ciência do desenvolvimento da sociedade humana bem como contundentes divergências de pensamento em torno disso. Porém, só o fato de compreender o aspecto essencial da economia capitalista e propor com terminância a sua inexorável transformação por obra consciente dos trabalhadores, infunde excelentes motivos para o celebrar de seu 190o. aniversário de nascimento. E como ele próprio sentenciou nas Onze Teses sobre Feurbach:

***Os filósofos até agora se limitaram a interpretar o mundo, quando
o que interessa é transformá-lo.***

A **JANELA ECONÔMICA** é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.